BHERING, Leiliane Souza; FONTES, Márcia Barroso. Famílias monoparentais masculinas: escolhas e sentimentos construídos em torno da monoparentalidade. **Oikos: Família e Sociedade em Debate,** v. 32, n. 2, p.01-17, 2021. https://doi.org/10.31423/oikos.v32i2.11088

www.periodicos.ufv.br/oikos | ISSN: 2236-8493
revistaoikos@ufv.br

Avaliação: Double Blind Review
Recebido: 03/09/2020
Aprovado: 06/06/2021

FAMÍLIAS MONOPARENTAIS MASCULINAS: ESCOLHAS E SENTIMENTOS CONSTRUÍDOS EM TORNO DA MONOPARENTALIDADE

MALE SINGLE PARENT FAMILIES: CHOICES AND FEELINGS BUILT AROUND SINGLE PARENTHOOD

FAMILIAS DE PADRES SOLTEROS MASCULINOS: OPCIONES Y SENTIMIENTOS CONSTRUIDOS EN TORNO A LA PARENTALIDAD UNIFAMILIAR

Leiliane Souza Bhering[1]
Márcia Barroso Fontes[2]

Resumo
Este artigo é um relato de parte de uma pesquisa de mestrado, cujo objetivo é compreender a vivência de famílias monoparentais masculinas, a partir das diferentes formas de entrada na monoparentalidade, a forma como os pais se identificam nessa posição e como eles percebem que outras pessoas os veem como pais monoparentais. Realizaram-se entrevistas semiestruturadas com quatro pais (homens) que são unicamente responsáveis pelos filhos. A análise de conteúdo qualitativo revelou que as diferentes formas de entrada na monoparentalidade masculina vão influenciar a relação dos pais com os filhos; a decisão da monoparentalidade nem sempre surge pela vontade do pai, mas em muitos casos pode ser uma iniciativa do próprio filho; o reconhecimento da monoparentalidade masculina ainda causa um grande estranhamento até mesmo para os pais que a vivenciam, assim como parte da sociedade que ainda carrega preconceitos sobre essa configuração familiar.

Palavras-chave: Famílias Monoparentais. Monoparentalidade masculina. Diferentes histórias. Sentimentos.

Abstract
This article is an account of part of a qualitative master's research, whose objective is to understand the experience of single-parent male families, from the different forms of getting into single parenthood, the way parents identify themselves in this position and how they perceive that other people see them as single parents. Semi-structured interviews were conducted with four parents (men) who were solely responsible for their children. The analysis of qualitative content revealed that the different form of getting in the male single parenting will influence the relationship of parents whit their children; the decision of single parenting does not always come from father's will, but in many cases it can be the initiative of the children themselves; The recognition of male monoparentality is indeed strange experience even for the parents who experience it, as well as part of the society that still carries prejudices about this familiar configuration.

Keywords: Single-Parent Families. Male Single parenthood. Different Stories. Feelings.

Resumen
Este artículo es un relato de parte de una investigación de maestría que tiene como objetivo comprender la experiencia de las familias monoparentales, desde las diferentes formas de ingresar a la monoparentalidad, la forma en que los padres se identifican en esta posición y cómo perciben que otras personas verlos como padres solteros. Se realizaron entrevistas semiestructuradas con cuatro padres (hombres) que son los únicos responsables de sus hijos. El análisis de contenido cualitativo reveló que las diferentes formas de ingreso a la paternidad monoparental masculina influirán en la relación de los padres con sus hijos; la decisión de la monoparentalidad no siempre se produce por voluntad del padre, pero en muchos casos puede ser la propia iniciativa del niño; El reconocimiento de la monoparentalidad masculina sigue provocando un gran alejamiento incluso para los padres que la viven, así como una parte de la sociedad que aún carga con prejuicios sobre esta configuración familiar.

Palabras clave: Familias monoparentales. Paternidad masculina soltera. Diferentes historias. Sentimientos.

[1] Graduada em Geografia pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Especialista em Gestão Estratégica em EAD (SENAC/SP). Mestra em Economia Doméstica (UFV). E-mail: leilibhering@gmail.com ORCID 0000-0002-9904-1093

[2] Doutora em Demografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica da UFV. E-mail: mbfontes@ufv.br ORCID https://orcid.org/0000-0002-0400-9307

INTRODUÇÃO

A família é uma instituição muito antiga e vem sofrendo diversas mudanças ao longo do tempo, tanto em relação ao seu papel social quanto às funções internas de seus integrantes (GIRALDI; WAIDEMAN, 2007). A cada período histórico as transformações ocorridas na família estiveram relacionadas às transformações sociais, culturais, econômicas e políticas de cada tempo e lugar.

Para Camarano (2014), as grandes transformações atreladas à família estão associadas à transição demográfica. Para a autora, esse "é um dos mais extraordinários processos já ocorridos no mundo, com profundas mudanças no tamanho e na composição das famílias, no tempo médio de vida dos indivíduos e no crescimento e na estrutura etária das populações" (CAMARANO, 2014, p. 14).

Para a autora, as mudanças na dinâmica populacional que refletiram nas transformações na família brasileira mostraram novos padrões, quais sejam: as famílias reconstituídas, os casamentos homossexuais, o aumento nas taxas de divórcios/separações, coabitação, a opção pelo não casamento, o aumento dos domicílios unipessoais, das famílias monoparentais e o aumento das taxas de fecundidade de sub-reposição.

Além disso, destaca-se que as mudanças demográficas estão ocorrendo atreladas a outras importantes transformações, por exemplo, o aumento da escolarização da população brasileira, a maior inserção da mulher no mercado de trabalho, as mudanças nos arranjos familiares, principalmente, no número, na intensidade e na duração dos casamentos e nos "contratos tradicionais de gênero" (REHER, 2011*apud* CAMARANO, 2014).

Portanto, a família como vem se modificando e alterando as suas estruturas nos últimos tempos, torna-se impossível identifica-la como um modelo único ou ideal (OLIVEIRA, 2009). "Lidar com a família hoje é lidar com a diversidade, que pode ser classificada em várias tipologias" (MOREIRA, 2002 *apud* SILVA; CHAVEIRO, 2009, p. 179). A família na contemporaneidade se desdobra em múltiplas formas e numa complexidade de relações.

Diante desse contexto, pode-se dizer que tais transformações também apresentaram para a família a possibilidade de relacionamentos mais íntimos e afetuosos entre pais e filhos e, como hoje, mulheres e homens são provedores dos seus lares, existe a necessidade de reorganizar a família no sentido de conciliar os cuidados com os filhos com as funções do trabalho.

Nesse sentido, reconhecendo a diversificação e a ampliação dos arranjos familiares, a família monoparental se destaca como uma realidade concreta posta pela própria sociedade, que vem sendo organizada e assumida por homens e mulheres de diferentes classes sociais.

Para tanto, entende-se que a monoparentalidade, cuja definição é bastante ampla, é efetivada e pode ser conhecida a partir do momento que um dos pais convive com seus filhos. Ela pode ser desencadeada por diferentes motivos, entre eles, o aumento da incidência de divórcio, a viuvez, o abandono, a adoção ou por mudanças de valores sociais em relação ao casamento, como a monoparentalidade por uma questão de opção (produção independente).

Os indicadores sociodemográficos mostram a expressividade das famílias monoparentais femininas em relação às famílias monoparentais masculinas. No entanto, ainda que a representatividade dos domicílios monoparentais masculinos seja pequena, em termos quantitativos, esse arranjo familiar aponta para um novo contexto social, com novas formas de relacionamento e organização da família, dado que tradicionalmente o cuidado dos filhos é da mãe.

Assim, entre as mudanças que permeiam a família contemporânea, a figura paterna encontra-se em destaque (BITTELBRUNN; CASTRO, 2010). Por isso, para as autoras, apesar de não ser ainda a família monoparental masculina estatisticamente tão significante quanto à família monoparental feminina, essa discussão não deixa de ser relevante na literatura sobre família.

Entende-se que a monoparentalidade masculina pode trazer um olhar muito além de uma nova configuração familiar, mas, sobretudo, da presença dos pais na vida dos filhos e nos novos papéis que o homem vem assumindo na família. Como aponta Souza e Sanguinet (2012), além de provedor ele agora é cuidador.

Diante desse cenário, levanta-se as seguintes questões: como se caracterizam as diferentes formas de entrada na monoparentalidade? É uma decisão que sempre vai partir do pai? Como o pai monoparental se descreve nessa posição? Para eles, como são os olhares externos a respeito da monoparentalidade masculina? De tal modo, questões como essas são um ponto de partida para a compreensão de parte da vivência das famílias monoparentais masculinas.

Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo compreender a vivência das famílias monoparentais masculinas, a partir das diferentes formas de entrada na monoparentalidade, a forma como os pais se identificam na monoparentalidade e como eles acham que as outras pessoas o veem nessa posição.

Assim como coloca Sousa (2008), apesar de os estudos referentes às famílias monoparentais serem escassos, principalmente os domicílios em que o homem é unicamente responsável pelos filhos, é mais que oportuna à realização de um trabalho que possa investigar especificamente essas famílias que estão presentes em nossa realidade.

FAMÍLIAS MONOPARENTAIS MASCULINAS

A figura paterna tem sido vista como ponto de maior desgaste e de maior resistência no ambiente familiar, passando por papeis tradicionais de divisões de tarefa e sobre uma perspectiva de um novo pai, ocupando uma posição mais participativa e afetiva nas relações intrafamiliares (MONTGOMERY. M., 1998 *apud* BITTELBRUNN; CASTRO, 2010).

Culturalmente o cuidar e as manifestações afetivas para com os filhos estão intimamente ligados à maternidade, ou seja, uma boa mãe é aquela que cuida, dar carinho e alimenta. Por outro lado, a paternidade é o posto da maternidade, o bom pai é aquele que não deixa faltar alimentos e dá lições para a vida dos filhos. A paternidade está associada ao papel de provisão material (FITERMAN, 2012).

Estereótipos de gênero como esses desvalorizam a participação do homem na vida dos filhos e reforçam a ideia de que,

> [...] para o pai a primeira responsabilidade social é com o provimento financeiro da família, o que significa que ser pai não é só ter filhos, mas conseguir mantê-los. Com isso, o trabalho remunerado é a referência fundamental para o exercício da paternidade sendo sua contribuição emocional raramente vista como de igual importância. (LOPES, 2009 *apud* FITERMAN, 2012, p. 40).

No entanto, as mudanças no comportamento dos pais quanto a suas funções vêm mostrando uma nova “cultura da paternidade”, em que os pais estão presentes na criação 26 dos filhos e tem uma participação mais afetiva no cotidiano familiar (LOPES, 2009 *apud* FITERMAN, 2012).

Por outro lado, ainda que esse novo modelo de paternidade seja parte de um movimento que ganha força na atualidade, o que se nota é que tais mudanças ainda são muito incipientes e que concepções tradicionais de paternidade predominam na realidade (BORNHOLDT; WAGNER; STAUDT, 2007; FREITAS *et al*., 2009 *apud* CÚNICO, 2014). Sobre essa questão, Silva e Piccinini (2004), utilizados por CÚNICO (2014), questionam se essa nova concepção de paternidade não estaria mais presente no discurso dos pesquisadores e da sociedade de forma mais ampla, do que de fato na prática cotidiana e permanente dos pais contemporâneos.

Porém, ao situar a família monoparental masculina nesse contexto, “percebe-se que há uma demanda social para que os pais contemporâneos exerçam uma paternidade mais implicada e ativa no que se refere à convivência e aos cuidados com os filhos” (CÚNICO, 2014, p. 35), pois, independe da forma como esses pais assumiram unicamente os filhos (seja pelo motivo de separação ou divórcio, viuvez, ou por livre escolha, como por exemplo, a adoção), não podem contar com a presença diária das mães dos seus filhos.

Durante muito tempo, foi comum, após um processo de divórcio, os filhos ficarem sob a guarda da mãe, sendo que eram poucas as chances de o pai obter tal direito. No entanto, como coloca Piacenti (2003), tal situação vem-se alterando com o passar dos anos, ou seja, o pai tem tanto direito de guarda dos filhos tanto quanto a mãe.

Desse modo, Piacenti (2003) completa que apesar das mudanças de hábitos e da própria legislação, deve-se, no entanto, levar em consideração que os filhos devem ficar com quem lhes proporcionar melhores condições de vida, seja no aspecto social ou emocional.

> A concessão de guarda ao genitor que melhor tiver condições de exercê-la é um ganho não para aquele que irá exercê-la, mas para os filhos que terão os seus direitos fundamentais contemplados de forma mais sólida e responsável. Desta forma, caso o pai tenha possibilidades de exercer a guarda dos filhos mais satisfatoriamente do que a mãe, não há dúvidas que a ele deverá ser dada tal responsabilidade. (PIACENTI, 2003, s/p).

Correia (2010), ao analisar as famílias monoparentais em Portugal, aponta que nas transformações do modelo tradicional masculino, as novas pluralidades dos papéis do homem produzem uma gama de questões, seja nas formas de construção desse “novo” caráter social e familiar do homem, seja nas mudanças simbólicas que isso pode representar no cotidiano das famílias e na própria sociedade. Ademais, a autora traz uma questão muito importante, quando diz que a conciliação entre trabalho e família deixa de ser um problema exclusivo das mulheres para passar a ser também uma preocupação dos homens. E quando se trata de uma família monoparental, funções de cuidado como saúde, escola, lazer e sustento financeiro, trazem um complicador ainda maior, por ter um único adulto responsável pela família.

Dessa forma, a tarefa de conciliar trabalho e família pode ser vista como uma mudança social simbólica e de gênero, na vida familiar do homem. Assim, “pensar o papel do pai é olhar para uma rede de relações que superpõe de maneira complexa” (CERVENY; CHAVES, 2010, p. 43). E mais, “a paternidade contemporânea não está definida, e sim em construção. É incerta e frágil, não tem referência como tal, pois o modelo tradicional não serve mais [...]” (CERVENY; CHAVES, 2010, p. 45).

Desse modo, pode-se perceber que apesar das famílias monoparentais masculinas apresentarem uma parcela muito estreita do quadro das famílias monoparentais e, sobretudo dos demais modelos de famílias presentes na sociedade, é preciso reconhecer, assim como Correia (2010), que talvez seja este um dos motivos do porquê se saiba tão pouco desses pais que vivem sós com seus filhos.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Trata-se de uma pesquisa com estratégia metodológica qualitativa, do tipo exploratório e descritivo. A pesquisa qualitativa possibilitou conhecer a riqueza das respostas dos sujeitos, que compartilharam suas histórias e experiências cotidianas a partir da monoparentalidade, permitindo mostrar uma realidade incapaz de ser quantificada. De acordo com Minayo (2010), a pesquisa qualitativa tem como foco a compreensão dos fenômenos “dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2010, p.24).

Levando em consideração o delineamento qualitativo desse trabalho, o critério de inclusão dos sujeitos participantes pode ser definido como proposital, intencional ou deliberado, uma vez que que não houve a intenção de se obter a representatividade do número de participantes em relação a população total, mas de escolher as pessoas que poderiam trazer informações acerca da temática em questão (TURATO, 2003 *apud* CÚNICO, 2014).

Para isso, participaram da pesquisa de campo quatro sujeitos, considerando aqueles residindo em um domicílio apenas com o (s) seu (s) filho (s), sem a presença de cônjuge ou de qualquer outra pessoa. Esse critério de inclusão se justifica pelo entendimento que a família monoparental é definida “quando a pessoa considerada (homem ou mulher) encontra-se sem cônjuge, ou companheiro, e vive com uma ou várias crianças” (LEITE, 2003, p. 22). Considerando as limitações do campo, não houve qualquer restrição em relação ao estado civil dos participantes, raça, escolaridade, idade, idade dos filhos, classe social, tempo na monoparentalidade, entre outros aspectos.

Os participantes tinham entre 38 e 60 anos, sendo dois divorciados, um viúvo e um solteiro. O tempo em que eles assumiram uma família monoparental varia de seis meses a 10 anos. A quantidade de filhos nos domicílios monoparentais masculinos variou de um a dois filhos, com idade entre oito a 21 anos. Desses, apenas em um domicílio havia uma filha, o restante eram todos filhos. O número de sujeitos participantes está relacionado às dificuldades

encontradas no campo que impossibilitou encontrar mais famílias monoparentais masculinas, durante o tempo estipulado no calendário da pesquisa para as entrevistas.

Para conhecer os sujeitos entrevistados neste trabalho, foi construída uma síntese com algumas características e trajetória de cada um deles e optou-se por utilizar nomes fictícios para preservar a identidade de cada um dos entrevistados.

Paulo (39 anos - Vendedor) - Ele tem o ensino médio completo, trabalha 40 horas semanais, mora em casa própria financiada. Conheceu a sua ex-companheira, mãe dos seus filhos, quando tinha 29 anos. Eles ficaram juntos por oito anos, mas não se casaram. Com o término, a mãe das crianças optou por sair de casa e deixar os filhos sob os cuidados do pai. Há três anos Paulo é único responsável pelos dois filhos, um de dez anos e outro de oito anos.

Antônio (60 anos - Diagramador) - Ele tem ensino superior incompleto, trabalha em média 60 horas semanais, mora de aluguel. Ele ficou casado por 17 anos. Com a separação Antônio saiu de casa e a sua filha, na época com 11 anos, foi morar com ele (foi uma decisão da filha morar com o pai). Há 10 anos ele é o único responsável pela sua filha, hoje com 21 anos. Vale ressaltar que ele é avô e também cuida do neto de três anos.

Rodrigo (38 anos, empresário) - Ele tem ensino superior incompleto, é empresário, trabalha 40 horas semanais, mora em casa cedida pela mãe. Ele foi casado por dez anos e desse relacionamento nasceu o seu único filho, hoje com 13 anos. Rodrigo é divorciado há cinco anos. Com o fim do seu casamento ele foi morar sozinho e o filho e a mãe ficaram morando juntos. Quando a sua ex-esposa se casou novamente e foi morar em outra cidade, o filho decidiu ficar com o pai. Há seis meses ele é o único responsável pelo filho.

João (45 anos, jardineiro) - Ele tem ensino médio completo, trabalha 44 horas semanais, mora em casa própria financiada. Ficou casado por 12 anos e há oito anos é viúvo, tornando-se o único responsável pelos seus filhos. Atualmente, o mais velho tem 21 anos e o mais novo oito anos.

O instrumento utilizado foi a entrevista semiestruturada[3], realizada individualmente com os quatro pais que atendiam ao perfil de inclusão no trabalho, mediante consentimento verbal, no qual foram esclarecidos sobre as condições da pesquisa e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A entrevista com cada pai durou em média 50 minutos. Um dos pais preferiu ser entrevistado em casa, os demais foram entrevistados no local de trabalho. Vale destacar que alguns deles, mesmo aceitando participar da pesquisa, mostraram resistência, ou talvez

[3] Esta pesquisa cumpriu com os aspectos éticos, sendo aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP/UFV) sob o Parecer Consubstanciado 2.587.741.

timidez, em relação à entrevista, mas foram se soltando na medida em que iam compartilhando suas histórias. Elas foram gravadas com um aplicativo de áudio para *smartphone*, mediante consentimento dos participantes, e transcritas após sua realização para a realização da análise dos dados.

Para a entrevista foi utilizado um roteiro semiestruturado contendo perguntas sobre a vivência na monoparentalidade e os desafios diante da responsabilidade de assumir os filhos sozinhos. O formato da entrevista semiestrutura, para além de um roteiro previamente estabelecido, permite o entrevistado ter liberdade para ampliar cada situação que considera adequada, para desenvolver mais uma questão (MARCONI; LAKATOS, 2008).

Utilizou-se, também, um questionário sociodemográfico contendo questões como idade, escolaridade, raça, renda, estado civil, número de filhos, idade e sexo dos filhos, profissão, jornada de trabalho, condição do domicílio, entre outras.

Realizou-se análise de conteúdo a partir da metodologia proposta por Bardin (2011):

> um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2011, p. 47).

Para a autora, não há uma única forma de analisar os conteúdos de uma pesquisa, por isso, optou-se neste trabalho realizar a análise do conteúdo a partir da metodologia proposta por Bardin (2011): organização da análise, a partir da leitura flutuante das entrevistas; nova leitura para a definição das categorias; elaboração do quadro temático; tratamento dos resultados e sua interpretação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As categorias e subcategorias criadas como base para a análise do conteúdo das entrevistas permitiram “tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise” (BARDIN, 2011, p. 125).

Assim, tratou-se aqui especificamente da categoria “a entrada na monoparentalidade”, que emergiu tendo como cenário as diferentes formas e motivos de entrada na monoparentalidade, as percepções dos pais acerca da monoparentalidade e a visão que eles

acham que outras pessoas constroem sobre eles diante dessa posição na família. Essas subcategorias serão apresentadas a seguir.

Diferentes formas e motivos da monoparentalidade

As palavras-chaves que construíram essa subcategoria foram: separação; divórcio; viuvez. A partir delas considerou-se relevante investigar as diferentes formas de entrada na monoparentalidade masculina e como os pais pesquisados nesse estudo se tornaram pessoas de referência de suas famílias.

A monoparentalidade masculina é um fenômeno concreto, mesmo sendo os casos em menor número do que a monoparentalidade feminina. Ela pode ser vista como um fator sociodemográfico, que está atrelado às mudanças da família e da própria sociedade.

A entrada na monoparentalidade dos sujeitos desse trabalho é bem diferente de um para o outro. Falar de monoparentalidade masculina causa um estranhamento até mesmo para os próprios sujeitos que se encontram nessa posição. Foi comum ao final de cada entrevista eles perguntarem se outros pais na mesma situação já tinham participado, e, antes mesmo de ouvirem a resposta, respondiam que não, pois, achavam que poderiam ser os únicos nessa situação.

Para Paulo, a entrada na monoparentalidade aconteceu quando ele e sua ex-companheira decidiram se separar e ele ficou em casa com os dois filhos:

> Começou a não ficar muito legal, aí a gente deu um tempo e depois a gente meio que conciliou. Eu sou muito de tomar decisão, então eu não insisto muito em uma coisa que não vai dar em nada. Então conversamos muito, e quem viu que não ia ser mais legal foi eu. E aí, nós temos dois filhos, e aí, e aí? E aí que as coisas foram acontecendo a gente ficou mais um ano, um ano e pouquinho morando juntos, mas... [*sic*] (Paulo).

Para Antônio, a entrada na monoparentalidade aconteceu depois do seu divórcio. Hoje ele mora com a sua filha e com o seu neto. Para ele esse processo pode ser resumido da seguinte forma*:*

> Geralmente no início é tudo muito bom, não te tem problema nenhum. A gente teve uma convivência boa, durante muitos anos foi tranquilo. Ai geralmente com o passar do tempo você vai percebendo o que vai acontecendo né, com a outra pessoa, e também comigo. Então a convivência depois ficou muito difícil. Ela começou a ter muitos problemas, tipo uma bipolaridade, era muito instável em relação a todo mundo, não só comigo, mas com as filhas também. Então ficou um tempo que as coisas começaram a ficar muito ruins. As filhas também passaram a não combinar com ela mais. Tanto que ficaram comigo [*sic*] (Antônio).

Assim como Antônio, a entrada de Rodrigo na monoparentalidade também aconteceu depois do seu divórcio diante das mudanças impostas com a separação do casal. Como a sua ex-esposa mudou para outra cidade, o seu filho não se adaptou com o novo lugar e quis morar com o pai. Nas palavras de Rodrigo, podemos entender esse processo da seguinte forma:

> Minha ex-esposa casou e foi morar em Brasília. Eu me perguntei: o que está acontecendo? Eu me assustei até por ela, como que uma pessoa casa assim tão rápido? No meu pensamento! Ai ele (o filho) ficou um ano em Brasília. Ele veio em janeiro (férias), eu levei ele no aeroporto, na hora que eu estava saindo ele ligou para mãe dele dentro da sala da Gol e falou: eu não quero ir, eu quero morar com o meu pai! [*sic*] (Rodrigo).

Diferente dessas três histórias, a entrada de João na monoparentalidade aconteceu depois que ele ficou viúvo. Quando a sua esposa faleceu ele se tornou o único responsável pelos dois filhos.

> [...] eu falo até a minha história, eu separei, eu voltei, parecia que já estava tudo escrito. Aí ela veio a falecer e eles ficaram comigo. Para mim que tem que cuidar dos dois foi uma dificuldade danada, assim, entre aspas, até adaptar, porque eu achei que não iria aguentar que é isso, que é aquilo [*sic*] (João).

Em primeiro momento, pode-se dizer que a monoparentalidade na vida desses pais aconteceu pela separação, divórcio ou viuvez. No entanto, foi importante trazer os acontecimentos que influenciaram na formação dessas famílias, pois apreender parte dessas histórias evidencia muito mais do que diferentes formas de entrada na monoparentalidade, mas como as diferentes características presentes em cada uma delas vão influenciar na relação dos pais com os filhos, os sentimentos construídos por eles sobre a monoparentalidade e como as pessoas os veem nessa posição.

Além disso, pode-se entender que a decisão da monoparentalidade nem sempre surge pela vontade do pai, mas, em muitos casos pode ser uma iniciativa do próprio filho. Essa questão evidencia que “as transformações na família não se limitam ao âmbito da estrutura. Modificam-se também papéis e relações familiares, que se tornam menos hierarquizados e mais flexíveis. Isto não quer dizer ausência de conflitos e disputa de poder” (TRAD, 2010, p. 27).

Assim, a família contemporânea, destacando aqui a família monoparental masculina, se assemelha a uma rede fraterna, sem hierarquias, “na qual o exercício da autoridade vai se tornar cada vez mais problemático à medida que aumentam os divórcios as separações e as recomposições familiares” (FÉRES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2011, p. 118).

Para tanto, deve-se destacar que na formação das famílias monoparentais masculinas, aspectos culturais e históricos que por muito tempo ficaram enraizados e que davam vantagens à mãe na obtenção da guarda dos filhos, sofreram grandes transformações em nossa sociedade, sobretudo pelas mulheres terem conquistado o espaço do mercado de trabalho. Ou seja, homens e mulheres vêm assumindo a responsabilidade de sustentar a casa, e por isso, mudaram também as premissas de que a mãe sempre deve ficar com os filhos após a separação (PIACENTI, 2003).

Para Zamberlam (2001), os novos papéis assumidos pela mulher no espaço público, exigindo uma reorganização no espaço privado, na organização do espaço familiar estão cada vez mais presentes, sendo que as mudanças da condição feminina na sociedade têm sido determinantes e impulsionadoras da transformação da condição masculina.

A percepção dos pais em relação à monoparentalidade

As palavras-chave que originaram essa subcategoria foram: medo; culpa; desafio; alegria; superação. Essas palavras se destacaram quando os pais falaram de como eles se veem frente à monoparentalidade. Elas revelam sentimentos que fizeram, e ainda, fazem parte da construção da identidade desses pais.

Para Paulo, a decisão de ficar sozinho com os filhos pequenos é algo normal, pois, ele sempre foi muito presente e participativo nos cuidados da família. Mesmo assim, ele expõe os medos e as limitações da sobrecarga de estar sozinho nessa tarefa.

> Eles são o meu projeto de vida, tipo assim, eu acordo pensando neles. Eu não consigo mais, talvez, pensar de forma diferente. Então, se eu vou viajar tem que ser com eles, se eu não vou viajar, se eu for ficar dentro de casa. Eu sempre tive isso, é o meu legado, não sei. Para mim é absolutamente normal. Pesa muito? Pesa muito! Tem hora que eu olho e falo: meu Deus do céu, me dá força. Às vezes está doente, às vezes tem que tomar decisões [*sic*] (Paulo).

Para Antônio, a decisão de assumir sozinho a sua filha mais nova, e hoje, o seu neto, não foi e não está sendo uma tarefa fácil e normal. Em suas palavras, ele traz a concepção do cuidado associado à figura feminina, a mãe. Para ele, a monoparentalidade é vista da seguinte forma:

> Eu acho realmente muito complicado, sabe. Eu acho muito confuso, assim, eu acho que a filha, não sei se estou errado, para ser bem mais criada, eu acho que a mãe é importante demais. Eu acho que o pai não substitui a figura da mãe. A mãe tem um jeito diferente de lidar com a filha, de cobrar da filha. O pai já não tem. Não sei se isso é geral, no meu caso eu falhei muito. Porque o pai fica com medo de brigar, a mãe não [*sic*] (Antônio).

Nota-se que a relação do Antônio com a monoparentalidade revela um sentimento de culpa, por achar que não soube criar a sua filha. No seu caso, em primeiro momento, a monoparentalidade surge mais pela decisão da filha do que exatamente dele. Desta forma, a sua percepção diante da monoparentalidade nos mostra uma relação um tanto conflituosa frente às adversidades presentes na sua condição de pai só.

> [...]. É porque isso, quando o casal está junto não é o pai que faz, é a mãe. Talvez quando for homem o pai tenha uma participação maior porque ele é homem, cresceu junto. Ah filho, meu filho! Então acaba interferindo um pouquinho na criação quando o casal está junto. Mas eu acho que independente de tudo é muito difícil criar filho, principalmente filha. Eu acho que se eu tivesse um filho poderia ser diferente na criação, mesmo sozinho com ele poderia ser diferente do que com filha [*sic*] (Antônio).

Na vida de Rodrigo, a monoparentanlidade também surge a partir da decisão do filho, mas, ele nos revela que em muitos momentos convidou o filho para morar com ele. A sua visão sobre a monoparentalidade mostra em sua fala uma tranquilidade em relação à convivência com o filho e sobre essa nova etapa da sua vida. Ele assim justifica esse momento:

> Para mim está super tranquilo criar ele sozinho [...]. Mas eu faço o que minha ex-esposa fazia. Mas eu sempre fazia antes. Então para mim, criar ele... nossa senhora! Agora está até mais calmo, mais leve. [...] Para criar adolescente, eu acho que precisa de uma figura paterna. Essa é minha opinião. Se você fizer o negócio com amor eu acho que não da muito trabalho. Tem gente que não nasceu para ser pai e não nasceu para ser mãe. Eu penso meio assim. Eu sempre quis ter filho desde novo. Hoje ele é um companheiraço meu aqui. Gosta demais de morar comigo [*sic*] (Rodrigo).

Já para João, cuidar dos filhos sozinho não foi e não está sendo uma tarefa fácil. Ele ficou muito abalado com a morte repentina da esposa e foi tomado por um sentimento de medo, por achar que não conseguiria cuidar dos filhos.

> [...] eu falo até a minha história, eu separei, eu voltei, parecia que já estava tudo escrito. Aí ela veio a falecer e eles ficaram comigo. Para mim que tem que cuidar dos dois foi uma dificuldade danada, assim, entre aspas, até adaptar, porque eu achei que não iria aguentar que é isso, que é aquilo. [...] Bom, eu acho assim, eu gosto e dependendo da pessoa, se a pessoa quiser ela cuida. Não tem obstáculo nenhum. A gente sacrifica alguma coisa, mas se quiser cuidar, cuida. Não é por ser pai, ser homem, que não dá conta. Eu me sinto bastante feliz. Porque é uma coisa que eu duvidava que fosse conseguir, mas eu superei [*sic*] (João).

Percebe-se que muitos sentimentos construídos em torno da monoparentalidade foram fundamentais para a construção da identidade desses pais e do relacionamento deles com os filhos. O sentimento de medo esteve presente em vários momentos na vida de alguns deles, principalmente daqueles que começaram a cuidar sozinhos dos filhos que ainda eram crianças pequenas.

Da mesma forma, o sentimento de culpa e estranhamento também fez, e ainda faz parte, da vida de um deles, pois, considera que não soube dar um bom comportamento a filha. Por outro lado, o sentimento de superação evidencia que com o passar do tempo o medo vai se transformando em alegria e em satisfação. Assim como o sentimento de tranquilidade sentido por alguns deles, pois, sentem que estão apenas continuando o que já faziam antes, ou seja, eram pais que participavam dos cuidados dos filhos.

Para tanto, diante desses depoimentos, não se pode deixar de mencionar a relação da construção desses sentimentos com as questões de gênero que envolve o cuidado dos filhos, atribuições femininas. A dificuldade de um dos participantes em criar uma filha, “teria a ver com o que socialmente se espera deles como homens” (BUSTAMANTE, 2005, p. 401).

Os olhares externos sobre a monoparentalidade

Nessa subcategoria as palavras-chave foram: estranhamento; culpa; reprovação, admiração. São palavras que evidenciam que muitos sentimentos que os pais construíram na vivência da monoparentalidade também aparecem no julgamento e nos olhares de outras pessoas.

Nota-se que cada história é uma experiência única e que o reconhecimento da monoparentalidade masculina ainda causa um estranhamento até mesmo para os pais que a vivenciam. Padrões socialmente construídos em torno do que se espera de homens e mulheres em nossa sociedade, sobretudo, no que tange aos cuidados dos filhos, resultam em preconceitos e expectativas sobre quem e como se deve organizar uma família. Por isso, a figura do pai como o único responsável pelos filhos ainda não é vista com bons olhos por muitas pessoas.

Se para Paulo, ser um pai monoparental é uma situação normal, ele vê que para algumas pessoas existe um grande estranhamento.

> Eu vejo muitas pessoas estranharem muito, nossa... principalmente mulheres. O pessoal da escola, os professores, diretor, quando tem que reclamar de alguma coisa [*sic*] (Paulo).

Como vimos anteriormente, Antônio carrega um sentimento de culpa quando avalia a sua posição de pai frente à monoparentalidade. Esse sentimento está muito atrelado ao fato da filha ter engravidado na adolescência. Para ele, o peso dessa culpa também se estende aos olhares de alguns familiares.

> A culpa é toda minha. Minha irmã fala: a culpa é sua, você não soube criar. Eu sei que eu não soube criar. Mas ela sabe também que é difícil pra um pai sozinho criar uma filha" [*sic*] (Antônio).

Rodrigo compreende que a participação do homem na família está mudando, por isso, está vivenciando a monoparentalidade com mais tranquilidade. Ele reconhece que hoje o homem está pensando mais nos filhos, mas, as famílias em que o pai cuida sozinho dos filhos ainda continuarão sendo a minoria. E, no que tange a visão das outras pessoas, ele assim justifica:

> O pessoal assusta às vezes né. Ah você mora com quem? [...] Ah, moro eu e meu filho. Todo mundo assusta porque é um fato pouco. É o quê, uns 10%? Eu acho que é até menos. Então, é um fato muito raro, mas eu não me enxergo diferente de ninguém não [*sic*] (Rodrigo).

Para João, que demostrou um sentimento de superação diante da monoparentalidade, mesmo vivenciando as adversidades cotidianas, e, sobretudo, a reprovação de muitas pessoas, ele acredita que pode ser um bom pai.

> Muita gente falava na minha cabeça: você não vai conseguir cuidar deles! Aí eu falei, eu vou ter que aguentar e ficar firme, e graças a Deus eles cresceram, não está faltando nada. Algumas pessoas duvidam e outras admiram. Ah, os meninos não devem está comendo direito, deve estar faltando alguma coisa para eles, é o que muitos pensam [*sic*] (João).

Os relatos desses pais sobre os olhares externos da monoparentalidade masculina permite-se mostrar que, mesmo com todas as grandes mudanças que a família vem sofrendo, com suas diversas formas de constituição, "há ainda, no imaginário de muitos, a concepção de que a única família de verdade é aquela constituída de pai, mãe e filhos, cada um com seus respectivos papéis" (GIRALDI; WAIDEMAN, 2007, p. 8).

Dentro dessa perspectiva, deve-se considerar que ainda que as novas configurações familiares estejam ganhando cada vez mais visibilidade, ainda existem muitos preconceitos. Não se pode afirmar que são socialmente aceitas por completo pela sociedade. A realidade mostra um grande resquício de uma mentalidade atrelada ao modelo patriarcal de família, que foi evoluindo até a consolidação do modelo nuclear.

O embate entre a realidade e ideologia existente torna essa relação um tanto complexa e revela que a estrutura familiar está intimamente ligada à conjuntura social. A família atual exerce um importante papel dentro da ideologia vigente, uma vez que, o seu papel hoje se diferencia dos papéis encarregados a ela nos diferentes períodos da história (GIRALDI; WAIDEMAN, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados dessa investigação mostraram que as diferentes formas de entrada na monoparentalidade masculina vão influenciar na relação dos pais com os filhos, nos sentimentos construídos acerca da monoparentalidade, como também nas avaliações externas que eles recebem diante da posição de pais sós cuidando dos filhos.

Observou-se que a decisão em constituir uma família monoparental masculina nem sempre surge dos pais, mas pode ser uma iniciativa do próprio filho. Isso nos mostra como as decisões familiares estão mais flexíveis e não hierarquizadas. Para tanto, os sentimentos construídos em torno da monoparentalidade nem sempre serão positivos, muitos carregam o sentimento de medo e culpa na vivência e reconstrução de suas famílias. Tudo isso nos mostra que o reconhecimento da monoparentalidade masculina ainda causa um grande estranhamento até mesmo para os pais que a vivenciam, assim como parte da sociedade que ainda carrega preconceitos sobre essas famílias.

A monoparentalidade masculina deve ser vista como um resultado de um conjunto de fatores demográficos, sociais e culturais que influenciam diretamente na trajetória desses pais, fazendo com que essa chefia tenha múltiplos significados, sobretudo, por ela ser desencadeada por diferentes motivos.

Constatou-se como limitação nesse trabalho o número reduzido de participantes. No entanto, os significados trazidos pelas falas desses pais devem ser entendidos como uma amostra representativa, pois, o objetivo foi compreender a vivência desse fenômeno e não a sua distribuição. Ou seja, as histórias compartilhadas nesse trabalho não retêm todos os aspectos da realidade em questão, mas exprimem o essencial dessa realidade, do ponto de vista dessa investigação.

Assim, deseja-se que esse trabalho possa compartilhar o conhecimento construído e possibilitado a partir da vivência de todos os pais que dividiram suas histórias e desafios cotidianos em uma família monoparental. Por isso, espera-se que as questões colocadas aqui possam ser fontes de outras possibilidades investigativas e mostrem outros olhares sobre as famílias monoparentais masculinas, como de outros tipos de arranjos familiares presentes na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
BITTELBRUNN, Edna. CASTRO, Mary Garcia. Sou pãe! Reflexões sobre os pais que educam/criam sozinhos seus filhos. *In*: **O pai na sociedade contemporânea**. MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; PETRINI, Giancarlo; BARBOSA, Francisco de Barros (ogs.) – Bauru, SP: EDUSC, 2010.

BUSTAMANTE, Vânia. Ser pai no subúrbio ferroviário de Salvador: um estudo de caso com homens de camadas populares*.* **Psicologia em Estudo***,* v.10, n. 3, p. 393-402, set./dez., 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000300007. Acesso em: 13 jan. 2019.

CAMARANO, Ana Amélia**. Novo regime demográfico**: uma nova relação entre população e desenvolvimento? Rio de Janeiro: IPEA, 2014. 658p.

CERVENY, Ceneide Maria de. Oliveira; CHAVES, Ulisses Herrera. Pai? Quem é este?: a vivência da paternidade no novo milênio. *In*: Lúcia Vaz de Campos Moreira, Giancarlo Petrini, & Francisco de Barros Barbosa (Orgs.), **O pai na sociedade contemporânea**. Bauru, SP: EDUSC, 2010. p. 41-45.

CORREIA, Sónia Vladimira. A articulação família-trabalho em famílias monoparentais masculinas. *In*: **A vida no masculino**. Negociando velhas e novas masculinidades. WALL, Karin; ABOIM, Sofia; CUNHA, Vanessa (orgs.). Lisboa, 2010.

CÚNICO, Sabrina Daiana. **Significados atribuídos à paternidade por mulheres chefes de família de periferia urbana**. 2014. 198p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/handle/1/10329. Acesso em: 23 set. 2018.

FÉRES- CARNEIRO, Terezinha; MAGALHÃES, Andrea Seixas. A parentalidade nas múltiplas configurações familiares contemporâneas. *In*: **Família e parentalidade**: olhares da psicologia e da história. MOREIRAS, Lúcia Vaz de Campo; RABINOVICH, Elaine Pedreira (org.). Curitiba: Juruá, 2011.

FITERMAN, Hannah. **Reescrevendo o pai na sociedade contemporânea**: uma representação social da paternidade em Salvador - BA. 2012. 89p. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2012. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UCSAL-1_ee1fcaf2958b7ab3d781d296e9839bd6. Acesso em: 06 set. 2018.

GIRALDI, Josemary; WAIDEMAN, Marlene Castro. Família ou Famílias – Construção Histórica e Social do Conceito. *In:* III Congresso Internacional de Psicologia e IX Semana de Psicologia. **Anais [...]**. set. 2007.

LEITE, Eduardo de Oliveira. **Famílias monoparentais**: a situação jurídica de pais e mães solteiros, de pais e mães separados e dos filhos na ruptura da vida conjugal. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragem e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008

MINAYO, Maria Cecília de Souza, DESLANDES, Suely Ferreira, CRUZ NETO, Otavio, GOMES, Romeu. **Pesquisa Social.** Teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

OLIVEIRA, Nayara Hakime Dutra. Família contemporânea. *In*: OLIVEIRA, Nayara Hakime Dutra. **Recomeçar**: família, filhos e desafios. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 65-107.

PIACENTI, Felipe. **Pai tem direito de guarda dos filhos tanto como a mãe.** Direito de todos. 2013. Disponível em: http://direitodetodos.com.br/pai-tem-direito-deguardados-filhos-tanto-como-a-mae/. Acesso em: 10 jan. 2018.

SILVA, Mônica Cristina da Silva; CHAVEIRO, Eguimar Felício. Demografia e família: as transformações da família no século XXI. **B. goiano de Geografia**, Goiânia, v. 29, n. 2, p. 171-183, 2009. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/bgg/article/view/9027. Acesso em: 15 jun. 2018.

SOUSA, Ana Paula de. **Estudo comparativo das famílias monoparentais masculinas e monoparentais femininas**: a influência do genitor no desenvolvimento familiar. 2008. 169p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2008. Disponível em: https://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/ServicoSocial/Dissertacoes/AnaPaula.pdf. Acesso em: 10 jan. 2018.

SOUZA, Marjane Bernardy; SANGUINET, Elisete. Pais que assumiram sozinhos os cuidados parentais de seus filhos. **Psicologia**. 2012. Disponível: https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0285.pdf. Acesso em: 03 ago. 2018.

TRAD, Leny Alves Bomfim. A Família e Suas Mutações: Subsídios ao Campo da Saúde. *In*: **Família Contemporânea e Saúde** – Significados, Práticas e Políticas Públicas. TRAD, Leny Alves Bomfim (Org.). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

ZAMBERLAM, Cristina de Oliveira. **Os novos paradigmas da família contemporânea**: uma perspectiva interdisciplinar. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.